

O DRAMA DE ANDRÉ

Falava-se, entre nós, dos problemas da educação com liberdade irrestrita, quando um dedicado servo do Evangelho observou com justiça:

— Crianças sem disciplina e jovens sem orientação sadia constituem o germen dos imensos desastres humanos. A Civilização e o Estado podem apresentar os seus prejuízos, visto serem organizações perfectíveis nas mãos de homens imperfeitos; contudo, sem a sua influencia, reverteriam á animalidade anterior. Assim ocorre, quanto ao lar e á educação doméstica. A família tem o seu quadro de lutas ásperas; entretanto, se lhe retirarmos o aparelhamento, tudo voltará ás tribus sanguinarias dos tempos primitivos.

— Todavia, ha quem coloque esse problema em plano secundario — retrucou um amigo — a educação com os instintos emancipados tem os seus adeptos ferreiros, mesmo nos círculos do Espiritismo...

— Menos na esfera do Espiritismo cristão — atalhou o mentor respeitavel; nas atividades meramente fenomênicas, sem qualquer proposito religioso, encontram-se companheiros obsecados por essa ilusão. Empolgados pela luz e pela liberalidade da doutrina consoladora, sem aderirem aos ensinamentos de Jesus, costumam andar embriagados nos enganos brilhantes. Não percebem os perigos amargos que lhes sitiam a vida. Desinteressam-se da educação dos filhos mais tenros, com grave dano para o futuro do grupo familiar. No entanto, bastariam ligeiras considerações para o reconhecimento do êrro clamoroso. Porque confiaria Deus determinados filhos a essas ou aquelas organizações paternas, se não fosse necessaria semelhante coopera-

ção no mecanismo da iluminação ou do resgate? O Eterno proporciona o doce licor do esquecimento ás almas culpadas ou oprimidas, e mandou que se criassem os períodos da infancia e da juventude, na Terra, afim de que os senhores do Lar se valham do ensejo para a divina sementeira da bondade e do amor, visando o trabalho da consciencia retilinea do porvir. Para que serviriam, de outro modo, os pais humanos, se abdicassem da posição de sentinelas, entregando os filhos ás tendencias inferiores de ontem? Não seria condenar o instituto domestico a um reduto de prazer vicioso?!

Tais interrogações ficavam no ar. Ninguém se atrevia a intervir no assunto, quando o nosso amigo tecia comentarios tão fascinantes. Observando as nossas disposições mais intimas, o generoso instrutor continuou:

— Aludindo á cegueira de alguns dos nossos irmãos do mundo, tenho um caso doloroso em minhas relações pessoais.

A pequena assembléia colocou-se á escuta, evidenciando justificado interesse.

— No fim do seculo passado — prosseguiu o devotado servo de Cristo — quando os ideais espiritalistas se alastravam no país, em modesto vilarejo do norte um negociante honesto foi dos primeiros a demonstrar simpatia pelos principios novos. André fôra rubro seguidor do positivismo, e, ainda sob a sua influenciação, penetrou os umbrais da doutrina, intoxicado por fortes ilusões no terreno da filosofia transcendente. Bom discutidor, comentava sempre a vasta situação do mundo, tecendo referencias encomiásticas á virtude, á fraternidade e á liberdade. Sua inteligencia não era um diamante lapidado nos bancos academicos; entretanto, apresentava, em suas características, a espontaneidade e a sutileza que assinalam o caboclo brasileiro. Não era rico, mas sua casa era farta e feliz. As remunerações eventuais do comercio ofereciam-lhe vantagens suficientes. Dois pequeninos enriqueciam-lhe o lar; no entanto, por mais que a espôsa insistisse, afim de que tivessem as necessidades espirituais atendidas, quanto ao problema religioso, André zombava, murmurando:

— Nada disso! — meus filhos hão de crescer sem tais prejuízos. — Quero vê-los distantes dos preconceitos dogmáticos de todos os tempos. Problemas religiosos cheiram a catecismo. Acaso ignoras que esses enganados já foram relegados aos clérigos caducos?

— Sim — explicava-se a companheira sem irritação — compreendo teus escrúpulos, no sentido de preservar os meninos da exploração e do abuso do nome de Deus; todavia, não podemos eliminar as necessidades justas da alma. Já que não permitiremos a influência dos padres junto dos nossos filhinhos, precisamos criar um ambiente de ensino doméstico, onde aprendam conosco a cultivar o respeito e a obediência ao Altíssimo.

André exibiu um risinho vaidoso e asseverava:

— Esquece as velharias, mulher! A razão resolverá isso. A mentalidade de agora reclama independência. Nossos filhos não serão escravos das disciplinas impiedosas que nos torturaram a infância.

— Mas — voltava a espôsa, sensatamente — se Deus nos transformou em pais, neste mundo, é para que sejamos orientadores dedicados de nossos filhos. Quando não vigiamos, André, a liberdade pode transformar-se em libertinagem.

O marido parecia impressionar-se, momentaneamente, com as respostas; contudo, dava de ombros, sem maior consideração. E o tempo foi passando. Na obediência ao regime paterno, os rapazinhos cresceram voluntários e rudes. Sómente abandonaram o curso primário após os quinze anos, em razão da ociosidade e indisciplina. Empenhavam-se, comumente, em atritos ásperos, dos quais apenas se afastavam, em sangue, depois de longas súplicas maternas. Odiavam os livros sérios, mas estavam sempre atentos às anedotas deprimentes.

Por essa época, o progenitor começou a entender as dificuldades da situação, lamentando a leviandade de outros tempos, quando descurara a educação religiosa e moral dos filhos que Deus lhe havia confiado. Era, porém, muito tarde. Léo e Oscar, os dois rapazes, guardavam uma observação revoltante para cada conselho paternal. O nosso amigo tentou a internação dos

jovens rebeldes em estabelecimento disciplinar, mas foi em vão. Procurou localiza-los em serviço honesto; entretanto, ambos eram admitidos para serem dispensados quase imediatamente. Ninguém lhes tolerava os costumes e palavras torpes.

Certa vez, quando o comerciante chegava ao lar, em noite sombria, percebeu acalorada discussão no interior doméstico. Mais alguns passos e defrontou a cena humilhante. Em atitude ingrata, os filhos espancavam a própria mãe. Na sua indignação, André buscou expulsá-los, mas a espôsa interveio com a ternura de sempre.

Decorridos alguns meses, ambos os rapazes foram apanhados em flagrante de furto. Após a prisão vexatória, o progenitor não conseguiu soffrear a revolta que lhe atormentava o coração e, não obstante as rogativas reiteradas da companheira, banuiu os filhos do ninho familiar.

Alma esfacelada por desilusões tão amargas, providenciou a mudança de um Estado para outro. Vendeu a pequena propriedade comercial, as terras, os rebanhos e partiu. Entretanto, os conjuges, apesar da união afetiva, em afinidades profundas, e, embora a modificação da paisagem, nunca mais se avistaram com a tranquilidade primitiva. Ensaaiavam o regresso á ventura de outros tempos, mas debalde. A lembrança dos filhos ingratos apresentava-se com as imposições da velhice, multiplicando, porém, as preocupações e as saudades.

Numa noite tempestuosa, André despertou ás primeiras horas da madrugada, ouvindo forte ruído no corredor. Tomando da arma de fogo, levantou-se cautelosamente. Encaminhou-se ao cofre de madeira localizado em aposento contíguo, notando-o arrombado. Era um ladrão o visitante imprevisto. Como sombra no seio das sombras, André acompanha os passos do malfeitor e, antes que pudesse escapar, prostra-o com um tiro, quase a queima-roupa. Ergueu-se a espôsa, assustada. Acendem a luz. E quando o comerciante, muito trêmulo, aproxima a lanterna do rosto da vítima que se esvaía em sangue, cruzam ambos o olhar.

— Meu pai!... meu pai!... — grita, em tom rouco, o malfeitor moribundo.

— Meu filho!... — exclamam, a um só tempo, marido e mulher, entre lágrimas de desesperação. Era Oscar que, ignorando o novo sítio da habitação paterna, atacara a residência, nos seus velhos hábitos de pilhagem.

O narrador fez uma pausa mais longa, reconhecendo o efeito de suas palavras no animo geral e continuou:

— E' facil imaginar a tragedia que se seguiu. O casal não teve coragem de revelar á policia a verdadeira condição da vítima, entregando-se André á ação judicial, quase imbecilizado na sua dôr. Sua causa, porém, era simpatica. A energia de que dera testemunho livrara o vilarejo de um bandido comum. Enquanto o povo o aplaudia, o negociante chorava, angustiado. E, antes de regressar do carcere, aconteceu o que seria de esperar. A pobre mãe, ralada pelo infortunio extremo, entregou a alma a Deus, assistida pelas dedicações da vizinhança.

O nosso amigo estava, agora, sem ninguém.

Quanto maiores eram as esperanças de liberdade em futuro proximo, mais lastimava a propria dôr. Por fim saíu da cadeia publica, ovacionado pela simpatia popular como herói.

André, no entanto, permanecia inerte, derrotado. Vendeu quanto possuia, afim de pagar as custas da justiça que o absolvera e tornou a partir, sem destino.

Velho, cansado, sózinho, não se sentiu bastante forte para recommençar a luta. Noites ao relento, dias de fome, roupa em frangalhos e lá se ia, de aldeia em aldeia, vivendo da caridade comum. Parecia idiota, incapaz de qualquer reação. O povo incumbiu-se de completar-lhe a feição de mendigo. Larga bolsa de couro á cintura, rosto hirsuto, grosseiro cado para os caminhos ásperos e, prosseguia, sem pousada certa, recorrendo á generosidade popular.

Os anos rolavam para o seu coração, em amargoso silêncio, quando num crepúsculo de borrasca forte, o

miserio velhinho aproxima-se de um rio transbordante. O desventurado necessitava ganhar a outra margem, tentando o abrigo na localidade mais proxima. Um homem corpulento, de traços rudes, convida-o com um gesto mudo a tomar a canôa frágil. O pedinte aceita. O barqueiro desconhecido não cessa de fixar a bolsa, onde André recolhe os vintens da piedade pública. Enquanto isso, o desventurado ancião poussa os olhos nevoados pela velhice no seu benfeitor, que remava em silencio. A ternura paterna volve a pintar-se no semblante sulcado de rugas. Se Léo ainda existisse devia parecer-se com aquele homem. Olvidando todas as preocupações para recordar o filho, o desventurado não percebe os movimentos sutis do barqueiro anônimo.

Distante da margem, o remador lança um último olhar aos matagais vizinhos, amortalhados na sombra do crepusculo e, sentindo-se sem testemunhas, avança para o mendigo miseravel, arrebatando-lhe a bolsa e atira-lhe o corpo na corrente tranquila, murmurando com ironia:

— As aguas não falam!... Vamos, velho imundo, uma bolsa não te pode salvar a vida!...

André compreendeu, afinal; aquela voz era do filho desaparecido. Não hesitou. O sentimento de paternidade não o havia enganado.

— Léo!... Léo! meu filho!... — gritou angustiado.

Entretanto, era tarde. Ambos trocaram o supremo olhar, com estranha sensação de sofrimento e pavor, mergulhando o velhinho para sempre.

Como vêem — concluiu o narrador emocionado — André foi indiferente á educação moral dos filhos, esquecendo-se de efetuar a sementeira da infancia, afim de construir-lhes o carater na juventude. A experiencia resultou-lhe em frutos bem amargos. Depois de eliminar, involuntariamente, um deles, acabou assassinado pelo outro.

Compreenderam, agora, o que significa educação com liberdade irrestrita?

A reduzida assembleia permanecia sob penosa commoção e ninguém ousou responder.